

Entrevista com Robert Darnton



historiador
americano
Robert

Darnton é velho conhecido dos brasileiros. Desde *O grande massacre dos gatos* publicado no Brasil em 1986, seus livros têm sido referência fundamental para aqueles interessados em entender o papel da literatura, em especial da literatura clandestina, no desmoronamento do Antigo Regime, na França.



Darnton, que tem tido Roger Chartier como um de seus interlocutores mais constantes, analisa nesta entrevista o fato da Revolução Francesa ser também uma revolução literária.

E, com bom-humor, aproveita para brincar com Chartier que, segundo ele, está sempre esperando o resultado de suas pesquisas para questionar suas suposições e conclusões.

Arquivo Nacional. No prólogo da edição francesa de *L'Aventure de l'Encyclopédie*, Le Roy Ladurie diz que o sr., Daniel Roche, Gerard Gayot e François Furet são os quatro mosqueteiros do revisionismo pré-revolucionário. O sr. concorda com este epíteto?

Robert Darnton. Um dos muitos dons de Le Roy Ladurie como historiador é o senso de humor. Chamando-nos de os quatro mosqueteiros do revisionismo ele estava fazendo uma piada; porém, brincando dessa maneira, ele pretendeu dizer algo de sério - ou seja, que, como historiadores sócio-culturais, nós todos tínhamos apresentado resultados que eram incompatíveis com as interpretações marxistas ortodoxas das origens da Revolução Francesa. No meu caso, encontrei algumas informações extraordinariamente ricas sobre a produção e a difusão da *Encyclopédie* de Diderot, a mais importante obra do Iluminismo. Descobri quantos exemplares do livro existiam na Europa antes de 1789, onde eram vendidos e quem os comprava. Em decorrência, foi possível questionar um tema clássico na historiografia marxista: a identificação do Iluminismo com a burguesia industrializante. Verifiquei que a *Encyclopédie* vendia melhor em cidades mais tradicionais, como Besançon, onde a Igreja e o *parlement* (Suprema Corte) davam o tom e que o pior índice de vendas ocorria em centros manufatureiros, como Lille, onde os burgueses dominantes estavam supostamente

arquitetando uma Revolução Industrial. Os dados estatísticos acerca dos compradores individuais demonstraram que o livro atraía especialmente os detentores de cargos na administração real, os oficiais do exército, os nobres em geral e os profissionais em particular - porém, não os comerciantes (exceto uns poucos em Marselha) e nem os industriais. Os comentários nas correspondências dos livreiros - e havia 50.000 delas, nos arquivos que estudei - confirmaram esta impressão. As provas qualitativas e quantitativas, combinaram-se para proporcionar um quadro vívido de como o Iluminismo penetrou no tecido social do Antigo Regime.

Creio que uma história do livro desta espécie - uma variante modesta, que envolveu longas horas de pesquisa em documentos originais - pode fornecer informações suficientes para se construir uma sociologia rudimentar da cultura e questionar pressuposições que moldaram a história sócio-cultural. Porém, percebo que isso levanta um número de questões maior do que as que responde. Precisamos saber muito mais acerca do modo pelo qual os livros eram lidos, de como se formavam as atitudes e como a opinião pública ganhou força na Europa pré-revolucionária. Não defendo o empirismo anglo-saxão simplista, nem nego a pertinência de algumas visões marxistas mais sofisticadas da ideologia, notadamente as derivadas de Gramsci ou de Lukacs ou do próprio

Marx. Não me propus a refutar o marxismo. Ao invés, procurei mapear a difusão do Iluminismo. No entanto, eu não poderia ignorar a visão clássica marxista do tema. E, embora eu mesmo nunca tenha sido marxista, não levantei objeções ao termo 'revisionista', quando Le Roy o associou a mim. Quanto a ser um mosqueteiro, quem dera que fosse verdade! Infelizmente, sou apenas um professor universitário.

Arquivo Nacional. *O sr. afirma que a Revolução Francesa foi também uma revolução literária. Qual seria o principal componente de ruptura com a produção literária do Antigo Regime?*

Robert Darnton. Em primeiro lugar, devo explicar que não penso que a Revolução Francesa tenha sido 'apenas' uma revolução literária. Tive a intenção de tornar a frase provocadora. Porém, agora que houve tamanho afastamento da história social e econômica, eu ressaltaria aspectos da Revolução que estão atualmente sendo negligenciados: a destruição dos liames sociais e econômicos que mantinham a integridade do Antigo Regime como ordem social. Dito isso, preciso admitir que fiquei assombrado, quando procurei encarar a Revolução Francesa de maneira nova, ao verificar os homens de 1789 e 1794 tão preocupados com questões que pareciam ser tão literárias. No ápice do debate acerca da nova constituição, Fabre D'Eglantine re-escreve o *Misanthrope* de Molière de

acordo com a fórmula prescrita por Rousseau em *Letter to d'Alembert* e Camille Desmoulins, o incendiário do clube Cordelier, interrompe sua costumeira arruaça política para escrever uma longa resenha da primeira apresentação da peça. Temos a versão de Desmoulins da versão de Fabre da versão de Rousseau da versão de Molière do conflito entre a convenção social e a austeridade moral. Para a inocente visão americana, o assunto todo parece surpreendentemente literário e intensamente francês. O que estava se passando?

A resposta a essa pergunta refere-se ao caráter da literatura como ingrediente no sistema peculiar ao Antigo Regime e ao papel da literatura na destruição desse sistema durante a Revolução - questões que pertencem à antropologia tanto quanto à história ou à história dos livros, rigorosamente falando. Espero explorar essas questões mais profundamente em uma pesquisa posterior, de modo que não posso lhe apresentar uma resposta rápida aqui. Devo dizer, contudo, que a Revolução Francesa proporciona aos historiadores um campo de pesquisas maravilhosamente rico e bem documentado, no qual podem estudar um problema geral, algo que pode ser descrito como a dimensão social do significado - isto é, o modo pelo qual as pessoas se apercebiam do sentido do mundo, confrontando, absorvendo e reelaborando os valores e as atitudes que haviam herdado de

seus pais. No caso do Antigo Regime na França, o princípio organizador do sistema cultural era o *privilège* ou (como indica sua raiz latina) o direito privado, um direito particular para fazer algo negado a outros, em contraste com o direito geral, sistema no qual os direitos legais incidem igualmente sobre todos. Todas as indústrias culturais da França estavam organizadas em torno de privilégios concedidos pelo rei antes de 1789. Não se podia fazer grande carreira na música, na arte dramática, nas artes plásticas ou mesmo nas ciências e no jornalismo sem gozar de alguma parcela de um privilégio real. O privilégio dominava especialmente a indústria editora, uma vez que os livreiros e impressores tinham que pertencer a uma corporação privilegiada, à qual se concedia um monopólio do comércio de livros e os próprios livros possuíam privilégios, uma versão antiga do *copyright* (direito autoral). A revolução reescreveu as regras do jogo em todas as indústrias da cultura, tornando-as todas acessíveis à livre disputa do talento. Ela transformou a vida intelectual; e como os intelectuais contribuíram consideravelmente para a transformação da política e da ordem social, ela disseminou repercussões para os mais remotos setores da sociedade. Portanto, eu consideraria dois aspectos da ruptura produzida pela Revolução: em primeiro lugar, uma revolução dentro da Revolução ou a transformação das indústrias culturais;

em segundo, uma 'revolução cultural' no mais amplo sentido, ou seja, aquela que envolveu a reconstrução social da realidade ou a dimensão da significância, na medida em que esta ficou inserida no dia-a-dia das pessoas comuns.

Arquivo Nacional. *Em sua introdução a Edição e sedição, o sr. afirma que este livro pode ser lido como resposta à seguinte pergunta feita por Daniel Mornet: "O que liam os franceses no século dezoito?" Quais as principais dificuldades encontradas pelo sr. ao estudar os hábitos de leitura daquele século?*

Robert Darnton. Acho que alguns 'quais' relativos a leitura podem ser respondidos. Do mesmo modo, muitos dos 'ondes' e 'quandos'. Os 'porques' e 'comos', entretanto, são diferentes. A penetração nos processos internos pelos quais os leitores entendiam os sinais tipográficos é uma tarefa que parece freqüentemente situar-se fora do alcance da investigação histórica. Não obstante, um grande número de leitores deixou relatos sobre sua experiência no século XVIII: anotações nas margens, sublinhados, cartas particulares, resenhas públicas e até mesmo descrições normativas transmitidas em ilustrações e na literatura contemporânea sobre a 'arte de ler'. Pesquisando-se sistematicamente através deste material, podem-se formar algumas noções aproximadas de como os leitores efetivamente liam há duzentos ou trezentos anos. Preciso,

todavia, admitir que muitos de nós se preocuparam com este problema durante anos, sem chegar a resultados claros. No livro que acabo de concluir, *The forbidden best-sellers of prerevolutionary France*, procurei levar o problema para além do ponto onde o deixei no livro mencionado acima, *Edição e sedição*, que escrevi há vários anos em francês. Os dois livros são, na realidade, bem diferentes, embora os assuntos sejam os mesmos. No segundo, tentei responder a algumas das objeções levantadas sobre o primeiro, notadamente por Roger Chartier, que aceitou minhas descobertas acerca da difusão da literatura sediciosa, porém contestou minha conclusão de que a literatura fosse de fato sediciosa. Afinal, disse ele, como podemos saber de que modo eram lidos esses livros? Talvez fossem meramente uma fonte de diversão, e talvez as atitudes sediciosas tivessem outra origem completamente diferente?

Uma vez que Roger está também participando desta edição de *Acervo*, teremos a oportunidade de ouvir suas opiniões em maior extensão. Ele e eu realizamos um debate amistoso sobre estas questões durante muitos anos e eu espero que ele continue, porque tão logo eu saio dos arquivos, com os olhos brilhantes e entusiasmado por aquilo que considero como sendo descobertas importantes, Roger faz perguntas difíceis sobre as suposições ou o raciocínio implícitos em minhas

conclusões. Então, eu devo colocar ordem em meu argumento, recuando em alguns lugares, avançando em outros e planejando uma nova estratégia para um ataque a novas fontes. Agora atingimos esse estágio no que se refere ao problema da leitura. Acredito ter respondido à maioria das objeções de Roger em uma nova seção, a parte III de *The forbidden best-sellers*, porém já posso prever novas objeções. Não atribuo, certamente, qualquer causalidade 'unilinear' à leitura. Ao invés, procuro compreender a literatura como parte de um sistema geral de comunicação, no qual os livros eram apenas um dos numerosos meios e as mensagens transmitidas pelos livros eram somente um dos ingredientes na mistura de elementos que constituía a opinião pública. Certamente, opinião pública é, hoje em dia, um conceito incerto, sendo especialmente difícil de entender como uma força em ação há duzentos ou trezentos anos atrás. Não obstante, penso ser a documentação suficientemente rica para se identificarem os veículos e as mensagens que fluíam através deles na França, na década de 1780. Deve, portanto, ser possível reconstruir a maneira pela qual os franceses entendiam os eventos, bem como a sequência dos próprios eventos. Para assim se proceder, será necessário integrar a história da leitura em uma história mais ampla da comunicação: é esta a principal dificuldade e a principal tarefa que me propus para os próximos anos.

Arquivo Nacional. *A literatura clandestina inclui textos políticos, panfletos e crônicas indecorosas. O sr. pensa que a circulação destes livros possibilitou a transição da sedição para a revolução?*

Robert Darnton. A resposta breve à sua pergunta seria sim. Uma resposta mais longa nos levaria a aprofundar-nos na área que acabo de descrever como a história da comunicação. Teríamos que estudar canções, impressos, *graffiti*, boatos e todas as espécies de mensagens difundidas através de todos os tipos de veículos. No final, poderíamos produzir um gigantesco quadro de tudo que era lido, dito, cantado e visto acerca dos assuntos públicos durante o período pré-revolucionário. Porém, apesar de toda a sua complexidade, acho que este painel ilustraria um único tema: a decadência e o despotismo. Os franceses acreditavam que seu estado estava degenerando em despotismo, embora, como agora sabemos em

retrospecto, a Bastilha só detivesse sete prisioneiros em 14 de julho de 1789 e Luís XVI nada mais desejasse do que o bem-estar de seus súditos. Precisamente como os franceses construíram este quadro interpretativo e como o usaram para entender os eventos em 1787-1788 é uma história que nunca foi contada. Penso que essa história irá fornecer a explicação básica de como a França mudou de um estado de sedição incipiente para um de revolução aberta.

Quer possa ou não impor esse argumento, espero ter dito o bastante para demonstrar que a história do livro tem um rigor próprio, que exige trabalho árduo sobre questões tratáveis em fontes específicas. Contudo, ela também se abre sobre as questões mais amplas da história em geral. Ao invés de proporcionar um canto seguro para os especialistas, ela oferece uma posição estratégica a partir da qual pode ser investigada toda a comédia humana.

Tradução de Mariana Erika Heynemann.